

Reservas se escoaram por um funil de compromissos

Final de contas onde foi parar o mega-saldo comercial feito em 87 pelo Brasil que, apesar da moratória, não representou aumento do nível das reservas cambiais? A pergunta — feita em outras palavras pelo ministro Celso Furtado na reunião ministerial — se justifica e intriga muita gente dentro e fora do governo.

Na verdade, os quase US\$ 11 bilhões 200 milhões conseguidos pelo Brasil com seu comércio exterior entraram em um funil e foram diminuindo em consequência de uma série de pagamentos que não foram suspensos com a moratória. Alguns desses pagamentos são consequência direta da moratória; outros têm relação apenas indireta. De qualquer maneira, a contabilidade que repousa na mesa do ministro Mailson da Nóbrega mostra claramente que a moratória não foi efetivamente um bom negócio.

Na rubrica de serviços, fretes, seguros e turismo, o Brasil teve que remeter ao exterior US\$ 3,2 bilhões, dispêndio que teria sido feito em qualquer circunstância. Como pagamento de juros e principal ao Clube de Paris, Banco Mundial, BID e FMI, o país entregou US\$ 3,6 bilhões. São compromissos que o Brasil teria que cumprir de qualquer forma já que a suspensão compreendeu apenas os juros devidos à banca privada. Mas, em consequência da morató-

ria, o fluxo com as agências multilaterais foi negativo, já que o Banco Mundial e o BID suspenderam desembolsos para forçar o Brasil a uma negociação com os bancos. A relação com os Exim-banks também se deteriorou apesar de o Brasil ter mantido em dia os juros do Clube de Paris.

Com bônus e créditos entre multinacionais, o Brasil gastou outros US\$ 1 bilhão 400 milhões. Segundo explicação dada por fonte do governo, normalmente o país recebe mais créditos das matrizes às filiais do que as remessas que precisa fazer. Neste ano e em consequência da moratória, o fluxo foi invertido.

Alvos mais diretos das retaliações dos credores, os bancos brasileiros que atuam no exterior — Banco do Brasil, Banespa, Banco Real e Itaú — tiveram problemas de liquidez. O Banco Central teve que socorrê-los criando linhas de crédito de US\$ 750 milhões. As linhas de crédito de curto prazo — comerciais e interbancárias — somam ao todo US\$ 15 bilhões e foram mantidas em vigor por força de um acordo entre o Brasil e os credores, mas todas as linhas de crédito voluntárias foram imediatamente canceladas pelos bancos depois da moratória. No final, restaram ao Brasil nada mais que US\$ 500 milhões para acrescentar às suas combalidas reservas.